

**A** Nação está órfã. O povo, que há um mês rezava pelo restabelecimento da saúde de seu Pai, chora agora a sua perda. «Deus é realmente brasileiro?», perguntam alguns. «O que faremos agora sem sua presença?», interroga a maioria. Entre o medo de ver novamente o País cair nas mãos do autoritarismo — acabando assim com as perspectivas de mudanças prenunciadas a partir da articulação da campanha das Diretas Já — e a falta de esperança de encontrar um substituto para este «pai ideal» assumido por todos, a população brasileira se encontra hoje emocionalmente desequilibrada.

A frustração que toma conta de todos, após a certeza de que a corrente de fé empreendida de Norte a Sul não surtiu o efeito esperado, é a característica que se sobrepõe a este desequilíbrio. Diante da morte, sempre, todos os conceitos têm que ser redefinidos. No nosso caso, especificamente, a morte de Tancredo Neves arrasta não só conceitos, mas as próprias pessoas para uma redefinição. Acéfalo, o povo terá que ficar em pé sobre suas próprias pernas; terá que andar por sua iniciativa; terá, principalmente, que conquistar o poder de si mesmo, para com sua força realizar o milagre de ver a Nação viva, dirigida por um verdadeiro representante.

O que fica, com certeza, é a imagem de um acontecimento único no Brasil. Recriando uma histórica frase de Abraham Lincoln, nunca tantos sofreram tanto por uma só pessoa, o que faz crer que esta pessoa é especial, que no mínimo é responsável pelo plantio de uma semente que cabe agora a 130 milhões de brasileiros regar e fazer crescer. A Nação está órfã, mas tem um exemplo a seguir. Sem erguer tótems, nem esculpir ídolos de barro, deve neste instante continuar a construção de uma obra que já conta com o alicerce. A frustração popular, neste sentido, é relativa. É a partir deste momento que o Brasil deve reafirmar sua fé e iniciar o trabalho proposto até agora por Tancredo Neves.

# O povo está órfão. Será que Deus ainda é brasileiro?

Marba Furtado

**A força da fé**  
«A expectativa do povo não vai ser frustrada. Este sentimento pode prevalecer nos primeiros momentos, nos primeiros dias, mas não mais que isto. A população não ficará frustrada porque ele ensinou a concórdia, a conciliação, o diálogo, a bravura, o destemor, sem violência». Desta forma, frei Domingos, Capuchinho da Igreja de Fátima, acredita na perpetuação da fé diante da perda de Tancredo Neves.

Ele considera que a religiosidade era a maior característica de Tancredo Neves. Neste aspecto, ele foi «um homem que mereceu do povo, pela sua dignidade pessoal, um voto de confiança, de credibilidade, representando uma situação impar na história do País», lembra frei Domingos. «Nos meus 46 anos de vida, nunca vi algo semelhante», afirma ele.

Para frei Domingos, este sentimento único em torno de Tancredo tem fundamento diante da personalidade completa de político, estadista, homem de negócios e, principalmente, no seu ajustamento familiar. «Isto é muito mais profundo que a fé em Deus», afirma. «Ele era um homem profundamente religioso, o que o fez ter um equilíbrio familiar, que deu confiança ao povo, que passou a tomá-lo como pai».

Este «ser pai», na continuidade de raciocínio de frei Domingos, devolveu ao povo um sentimento de filiação, que dá segurança, equilíbrio, dinamismo, coragem, valentia e destemor diante dos desafios e atribuições da vida. «Tancredo Neves passou a representar tudo aquilo que de bom se esperava, porque, além de sua dignidade, mantinha sua fé em Deus».

Na opinião de frei Domingos, foi a fé em Deus que legou um caráter altruísta a Tancredo Neves. «A fé, fez com que o homem não se bastasse a si mesmo, porque não se colocava no lugar Dele, mas abria um espaço à religião, que por sua vez dá lugar à moral. Por isso ele podia falar de proibidade, de não gastar, de trabalhar, de desenvolvimento com sacrifício. Porque está escrito: «Bem-aventurados os simples... os humildes...»

A fé de Tancredo Neves explicaria, por este ponto de vista, a fé popular depositada em sua pessoa. É esta mesma fé, segundo frei Domingos, deverá impulsionar o povo ao trabalho de continuação da obra iniciada. «Ele já cumpriu sua missão. Através da oração ele devolveu a unidade do povo. Devolveu o sentimento de filiação, ele mesmo se sentindo filho, amparado e sendo amparado; sem ser proprietário»

**O Pai Bom**  
A figura do «pai» também aparece do ponto de vista psicológico da questão, a partir do momento que Tancredo Neves foi assumido como tal pelo povo. Roberto Crema, psicólogo clínico e antropólogo, com especialização em gestaltterapia, biodança e bioenergética, também considera que vivemos um momento especial da nossa História. «Um momento crítico, o que sempre é uma oportunidade para aprendermos e crescermos».

De acordo com Roberto Crema, aconteceu agora uma descomunal transferência positiva do povo brasileiro para com o candidato e, depois, para com o presidente eleito Tancredo Neves. Ele não chegou a ser

empossado, e a Nação passou a ver na sua imagem «o pai bom, o próprio Messias. Após sua morte lenta, ficou também uma enorme frustração».

Segundo o psicólogo, o que vivemos, em um certo sentido, foi como presenciar a derrota do Brasil para a Itália, na última Copa do Mundo, só que desta vez durante várias semanas. «Não há coração que agüente», lembra ele. «Então, a solução é buscar compreender o sentido mais profundo desta verdadeira tragédia grega, para que ela possa ser uma lição e não uma desgraça», continua ele.

Crema lembra ainda de curiosidades que levam a questão a um nível cabalístico. «Tancredo Neves foi operado sempre às terças e quintas-feiras, precisamente nos dias em que o Presidente da República desce a rampa do Palácio do Planalto...»

**Autocolapso**  
Roberto Crema escreveu recentemente (28 de março) um artigo ao Jornal de Brasília, com o título de Reflexões de um Psicólogo sobre o Impasse da Nova República, em que analisou, do ponto de vista psicológico, o que teria levado o presidente Tancredo ao hospital. «Tancredo Neves, que tanto temeu, imagino que não sem razão, o golpe dos militares, surpreendentemente deu-se o golpe, fazendo um sintoma de autocolapso na véspera de sua desejada posse. Ele, revestido do mito da onipotência, eleito em massa para ocupar o lugar do Patriarca, vivendo o arquétipo do Grande Pai num movimento quase messiânico de «salvação» nacional, tornou-se abrupta e inesperadamente impotente vítima de si mesmo».

Não é uma opinião fechada em si mesma. Além de incluir uma série de conceitos técnicos da área psicologia, permitiu que o próprio Crema ampliasse seu pensamento para uma análise pós-morte, sob o título de Carta de um órfão a um Mártir. O texto, em linhas gerais, reproduz o sentimento de todo cidadão, a partir do momento que foi escrito por um membro desta massa de 130 milhões de brasileiros.

Ele ultrapassa a própria opinião divulgada através do primeiro artigo: «Agora é outro o meu sonho. Tom-

bado no umbral da Terra Prometida, sua lição é ainda mais ampla, mais dura e mais sábia. Recusando a posse ao ambicionado poder, o ritual de passagem que você vivia era outro, último e definitivo: o da morte. E, desta forma, sua gestão deixou de ser provisória, resumindo-se numa mensagem simbólica, única porém eterna».

Ao lembrar que «Agora é a hora do abutre. A desastrosa briga dos homens menores pelo poder menor», Crema também lembra que «graças a Deus, haverá a graça da sua gestão transcendente. Sua lenda iluminará e sustentará o projeto da Nova República: sua obra sobreviverá».

«Perfeito, por não ter tempo de errar, você se tornou o ideal», diz Crema em mais um trecho da Carta. Continuando, o psicólogo diz: «Obrigado por ter partido e nos deixado a sós, sem esperanças e desculpas. Obrigado pelo terremoto do seu adeus, obrigando-nos a crescer e advertindo-nos de que não podemos continuar infantilmente esperando um Salvador. Obrigado por nos devolver a nós mesmos, indicando-nos que temos que assumir a responsabilidade por sermos nossos próprios Patriarcas. Quando tudo à nossa volta é instável; quando desistimos de confiar nas estações e no clima; quando sabemos que não existe terra-firme; que este pode ser nosso último instante; que a hecatombe nuclear paira, retida por um tênue fio, sobre nossas mortais cabeças, então somos forçados a descobrir que a única segurança real só pode ser encontrada dentro de nós mesmos».

A unanimidade nacional conseguida por Tancredo Neves é real, a partir do momento em que todos os pensamentos (religioso, psicológico, sociológico, econômico, político, histórico) prega que tal luta agora é nossa, de todo brasileiro. A professora de História Adalgisa Maria Vieira do Rosário, resume esta verdade: «As coisas continuam e têm que continuar. A sociedade civil está organizada, independentemente da cabeça que está no poder. O Legislativo readquiriu seus poderes e tem a missão especial de conduzir a política econômica e social do País».